



Premiado em Cannes, documentário de Raoul Peck recupera a obra fotográfica de Ernest Cole

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã



Divulgação

Exclusão desvelada

L aureado com o troféu L'Oeil d'Or, a Palma de Cannes para narrativas de não ficção, “Ernest Cole, Achados e Perdidos” vai engatar o Brasil numa discussão antirracista por meio de instantâneos fotográficos. Com sessão nesta segunda (21) na Mostra de São Paulo, às 17h40, no Reserva Cultural 2, o longa marca a volta às telas do diretor haitiano Raoul Peck, indicado ao Oscar por “Eu Não Sou Seu Negro”, em 2017.

Lá, ele rastreou intolerância pela via da literatura e, agora, parte de fotografias. Discretos, mas implacáveis no registro do racismo, os cliques feitos pelo sul-africano Ernest Levi Tsoloane Cole (1940-1990) hoje são documentos vivos das feridas geopolíticas deixadas

pelo Apartheid. Sua vida foi maculada pelo desrespeito e terminou nas raíais da pobreza, num processo de invisibilidade que hoje chega ao fim graças ao cinema. Cannes ajudou a consagrar seu nome com o trabalho de Peck. Agora é a vez das plateias paulistanas descobrirem sua arte, com direito a mais sessões do filme: tem uma no dia 24, às 19h, no Cinesystem Morum-

bi, e uma no dia 27, no Espaço Augusta 1.

“Eu conhecia algumas das fotos de Cole do tempo em que militei no comitê contra Apartheid, quando vivi em Berlim, mas os detentores dos direitos de sua obra me procuraram pedindo ajuda para a preservação dos retratos. Quando me debrucei sobre as fotos, fui entendendo que a história a ser contada estava nos

bastidores dela, como se fosse a câmera escura de revelação, onde se escolhe o que destacar num retrato”, disse Peck ao Correio da Manhã. “Cole não queria ser cronista da pobreza, mas sim um retratista da condição humana”. Cole deixou como chave para a decifração de sua obra no livro “House of Bondage”. E um legado de 60 mil negativos num cofre na Suécia, onde viveu depois de ter clicado evidências da violência racial em seu país, em tempos anteriores à libertação de

‘Ernest Cole, Lost and Found’ rendeu a láurea L’Oeil d’Or a Raoul Peck

à libertação de Nelson Mandela. Esses cliques valeram a Cole uma relação azeda com as autoridades de sua nação, mas lhe garantiram espaço em revistas e jornais da Europa e dos EUA.

“Não quis investir num clima de thriller e ir atrás desse achado, de modo a valorizar esse arquivo secreto. O mais importante era dar voz a Ernest, entender o que se passou na cabeça dele ao sair da África do Sul e ir para Nova York. Eu sei o que é ser exilado e, portanto, posso imaginar o que ele sentia”, disse Peck, que convocou o ator LaKeith Stanfield para ser a voz de Cole no filme. “Era um dispositivo pra parecer que Ernest está narrando sua própria trajetória, como se estivesse vivo entre nós”.

Este ano, a Mostra terá um simbolismo extra para Raoul Peck, que receberá um troféu honorário do festival: o Prêmio Humanidade, uma honraria que celebra seu combate às injúrias raciais.

O QUE VER SEGUNDA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

SUJO, de Astrid Rondero e Fernanda Valadez (México):

Laureado nos festivais de Sundance e de San Sebastián, este thriller social à la “Cidade de Deus” acompanha o amadurecer de um garoto cujo pai é morto pelo envolvimento com cartéis criminosos. Adolescente, ele tenta refazer a vida e estudar, com a ajuda de uma professora idealista, mas o chamado da violência parece forte demais. Onde: Cinemateca Espaço Petrobras, hoje, 15h40



O CASO DOS ESTRANGEIROS (“A Stranger’s Case”), de Brandt Andersen (Jordânia):

Um drama coral que lembra “Babel” (2006), uma vez que o conflito de um segmento afeta o outro. Ganhou o Prêmio da Anistia Internacional pela forma feroz com que expõe a batalha de um grupo de pessoas para escapar da violência na Síria, incluindo uma médica e um soldado filho de um herói local. Um mercenário interpretado magistralmente por Omar Sy (“Lupin”) cruza o caminho de todos, com seu caráter nada louvável. Onde: Espaço Augusta 4, hoje, 17h30



ABRIL (“April”), de Dea Kulumbegashvili (Geórgia):

Retorno da cineasta às telas. Sua protagonista é uma obstetra, Nina, que trabalha numa maternidade no leste georgiano. Após um parto difícil, a criança morre, e o pai exige uma investigação sobre os métodos da médica. O escrutínio resultante ameaça trazer à tona a atividade paralela de Nina — dirigir pelo interior até as casas de meninas e mulheres grávidas para realizar abortos não autorizados. O filme rendeu à diretora o prêmio do júri do Festival de Veneza e o prêmio Zabaltegi-Tabakalera do Festival de San Sebastián. Onde: Reserva Cultural, hoje, 13h

